



Lisboa, 2 de Abril de 1915

## MATER DOLOROSA



..... Ave, Maria,  
 cheia de graças mil, Deus é contigo,  
 fulge em teus olhos a divina luz;  
 és bendita entre todas as mulheres,  
 bendito o filho teu, doce Jesus.  
 Santa Maria que de Deus és Mãe!  
 Agora, e quando findem nossas dôres,  
 roga, pede por nós os peccadôres...

*Amen.*

.....  
 D'«O Mensageiro de Fez».

**Thomaz Ribeiro.**



# SPES UNICA!

Amo-te, oh Cruz, no vertice firmada  
De esplendidas egrejas,  
Amo-te quando á noite, sobre a campa,  
Junto ao cypreste alvejas:  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruceiro antigo,  
No adro do presbyterio,  
Ou quando o morto, impressa no ataúde,  
Guias ao cemiterio;  
Amo-te, oh Cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Nuncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó.

(D'«A Cruz Multilada»).

Alexandre Herculano.



# Semana Santa

Foi ha vinte seculos... e parece de hontem ainda, o drama do Calvario!

Volveram-se as edades, umas apoz outras, na vertiginosa correria do tempo; baquearam na voragem do passado gerações e systemas que a pequenez humana julgára superiores ás cristalizações da Historia; ruiam successivamente, na derrocada das civilizações, quantos esforços o genio do homem tem podido conceber e executar, na ardencia ingenita de liberdade, na tendencia orgulhosa de emancipação que o dominam.

Tudo caducou, tudo desapareceu, aniquilado ou esquecido n'esse penoso jornada de vinte seculos! Só o Golgotha permanece como um symbolo na consciencia da humanidade, só a Cruz, que o martyrio do Homem Deus dignificou para sempre, se ergue ainda sobranceira, a fulgurar como sol de redempção sobre a necropole das gerações extinctas e sobre o berço enigmático, indeciso, das porvindouras.

Nem a ferocidade de uma lucta satânica que o persegue sem treguas desde o estabulo de Betlem, nem a sangueira de morticínios sem par, nem a força despotica dos Cezares, nem o gargalhar dos sophistas, nem toda a violencia, enfim, de inumeraveis quanto enraivecidos ataques, conseguiu enfraquecer, sequer, na consciencia dos povos o triumpho immortal de Jesus.

Como ha dois mil annos, a tragedia do Golgotha é ainda hoje o facto culminante da vida, a epopeia maravilhosa da Historia.

Marco milliario de dois mundos, synthese de todo um formulario de regeneração que é e será sempre a garantia vital das sociedades, a Cruz, não ha forças que a derribem do seu gigantesco pedestal.

Riam-se á vontade os prophetas da revolução, chasqueiem alvarmente os pygmeus da incredulidade contemporanea, luctem, esbravejem, calumniem, persigam quanto queiram, que jamais conseguirão outro resultado que não seja a derrota repetida dos mestres que os precederam na improficuidade do assalto.

A incredulidade contemporanea!

Como é mesquinha a inspiração que a norteia, como é pequenina e vergonhosa a sua sanha de demolição!

Plagiarios, apenas, de mentiras mil vezes refutadas, sem talento para uma discussão que os enobreça como pregoeiros d'uma ideia e, sem coragem para se defrontarem lealmente com o adversario que temem, os pseudo-intellectuaes da impiedade recorrem hoje ao expediente criminoso da traição, á deprimentia d'uma cobardia tão repugnante que, nem direito lhes dá á classificação de contendores toleraveis.

Nem sempre foram outras, é certo, as armas dos inimigos da Cruz; mas nunca como agora, e sobre tudo em Portugal, a Igreja teve pela sua frente adversarios tão desleaes e de tão flagrante incompetencia.

Escondem-se na sombra para se escapulirem ao menor vislumbre de desaffronta, minam, precatados, o subsolo das sociedades, como a toupeira tímida que detesta as fulgurações da luz.

E se um dia se mostram, n'uma exteriorização, embora aparente, de arrojo, é a mentira, mas a mentira teimosa, a mentira conscientemente impenetravel, o seu unico argumento de combate.

Ou lentão, e sempre que as circumstancias lh'o permittem, é a força o unico arrimo da sua logica.

São assim os arautos da chamada incredulidade contemporanea.

São assim tambem em Portugal os homens que hoje blasnam de pensadores livres n'uma apropriação exclusivista que só por si constitue a maior de todas as mentiras sociaes.

São assim os illuminados que para ahi se dão á gloria tarefa de ridicularisar as crenças christãs e a piedosissima comemoração d'este dia, que marca, mau grado todo o rancor dos impios, o estadio mais memoravel das modernas civilizações.

Seria facilimo e certamente proveitoso a bem d'esses proprios desvairados, provar-lhes aqui, amarrando-os ao pelourinho da verdade, quanto ha de criminoso na sua sementeira de erros, para o bem estar da familia portugueza e até para a existencia da Patria que tão estupidamente compromettem.

Bastava apontar-lhes os fructos já colhidos, bastava pôr-lhes ante os olhos o pavoroso descalbro moral que se desenha já no horizonte, mercê da sua obra de degradação e de avilamento.

Mas hoje, é dia de perdão...

Commemora-se a tragedia do Calvario, o exemplo mais assombroso da clemencia divina sacrificada, para nos redimir.

Perdoemos tambem, nós todos os que somos crentes, nós todos os que seguimos na vida o roteiro da Cruz.

Apontemos-lhes simplesmente, aos pobres transviados, a montanha agreste do Calvario, mostremos-lhes lá em cima, nos pedregosos cerros do Golgotha, o symbolo augusto d'uma ideia que vinte seculos de lucta foram impotentes para aniquilar.

E' o estandarte do amor que lá no alto se hasteia, é o emblema da paz que a todos irmanou na grandeza do resgate universal.

Perdoemos pois aos modernos pharizeus, aos que hoje nos insultam escarnecendo as nossas crenças, como Jesus perdoou aos que o mataram no dia para sempre memoravel do Seu martyrio.



## Questão dynastica

Por ser exclusivamente dedicado a assumptos de Semana Santa este numero d'*O Talassa*, conforme já tinhamos annunciado, só na proxima sexta feira podemos responder a *O Nacional*.

Lamentamos muito esta demora, porque ás imerecidas aggressões d'aquelle nosso collega, desejaríamos muito dar uma immediata e final resposta.

## Não era homem

Este justo, se fosse um homem, não teria inimigos. Era predestinadas as suas inenarraveis amarguras. Ergueram-se homens a injurial-o. E o santo da paciencia e do perdão encarou-os com doçura, e fallou, quando os viu baixarem-se para o apedrejarem: "Por qual dos meus beneficios quereis apedrejar-me?"

Não era homem; que a sua paixão foi um assombro nunca repetido de humildade, submissão, brandura e constancia.

Não era homem; que as calumnias, os ultrajes, as dores, os supplicios não lhe arrancaram um gemido de cólera.

Não era homem; que antes do trespassse de Jesus Christo nunca o perdão baixára da Cruz sobre os algozes d'um innocente.

Socrates morrera com espantosa coragem e animo imperterrito. "Se a vida e a morte de Socrates foram de um sabio, a vida e morte de Jesus foi de um Deus", diz Rousseau, o philosopho, a consciencia alvorçada por um rapto do coração.

Camillo Castello Branco.

## Usem a agua de Mouchão da Povoia

Aconselhada por todos os medicos como o melhor remedio para a cura de doenças da pelle, estomago e doenças das senhoras.

## A morte do Redemptor

Chamava-se Jesus. Era filho de Deus, que o gerára de si mesmo no dia sempre igual da eternidade, e d'uma Virgem bella como o oriente e pura como uma creança. Derivaram-lhe suavemente os primeiros annos da mocidade na solidão das montanhas, pela ondulação das collinas, e junto dos lagos do seu paiz, limpídos, immaculados, inspirativos.

Quem o visse distanciar-se tantas vezes do povoado e procurar o deserto com tamanho affinco, havia de dizer que elle, preocupado com o plano d'alguma edificação futura, anhelava por ter sempre diante de si um espaço bem livre, bem amplo, bem desaffrontado, em que experimentar a todo o momento a traça architectonica da obra, que tinha desenhada na tela azul-clara da sua mente...

Um dia o espirito do Pae passou pelo seu espirito, e disse-lhe: chegou a tua hora, principiam os trabalhos do teu altissimo destino. Além, erguida sobre duas collinas, está Jerusalem, a cidade entre todas graciosas, apertada n'um cingulo de muralhas, arremettendo ao céu com as suas torres. Lembra a tradição material do primeiro sonho d'um anjo adormecido ao calor dos meus seios. E todavia ella é enganosa como o Asphaltite! Vista de longe, aos primeiros albores do sol oriental, tem as mais brillantes scintillações, como se a luz incidente encontrasse alli um espelho sem mancha; de perto, aguas sem movimento, um lago paralytico, a muda interjeição dolorosa d'um desespero impotente, um membro eternamente insensível d'este grande corpo da terra! Vai, filho. Tu, raio da minha luz, não has de refranger-te no meio d'aquellas paixões tumultuantes; tu, espirito da minha essencia, não has de fazer petrificado sob as abobadas d'aquelle templo; tu, potentissima inspiração do Infinito, não has de ceder ao asopro lethal das ambições d'uma casta nem ao embate violento das loucuras d'um povo...

Jesus entrou em Jerusalem. Mas Jerusalem não podia conter-o. Aquella cidade, recipiente apropriado a espiritos nullamente expansíveis, como havia de conservar dentro das suas paredes a natureza inflammavel do grande verbo da liberdade, cuja generalisação não tem limites, e a essencia explosiva do amor, cujos dominios recrescentes não é para compasso algum cingir ou delimitar?

Não pôde acceital-a, não pôde soffrel-a. Rugiu diante d'ella o temeroso *impossível* da sua colera, troyejado pelos echos da synagoga despertados ao estrepito da revolta, ululado pelas vozes do sacerdocio na desordem sacrilega do templo, reproduzido pelos ministros do poder, pelos mantenedores da tradição, por quantos sustentavam nos pulsos vigorosos a monstruosa machina de toda aquella economia social.

De maneira que, de tanta gente, apenas umas pobres creanças, alguns operarios na sua nativa rudeza, e umas mulheres nimiamente impressionaveis achavam que era bom e santo e formoso e divino aquelle nazareno que, de vezes em quando, accidentava com o seu melancholico semblante as verdes paizagens da Gallilêa!

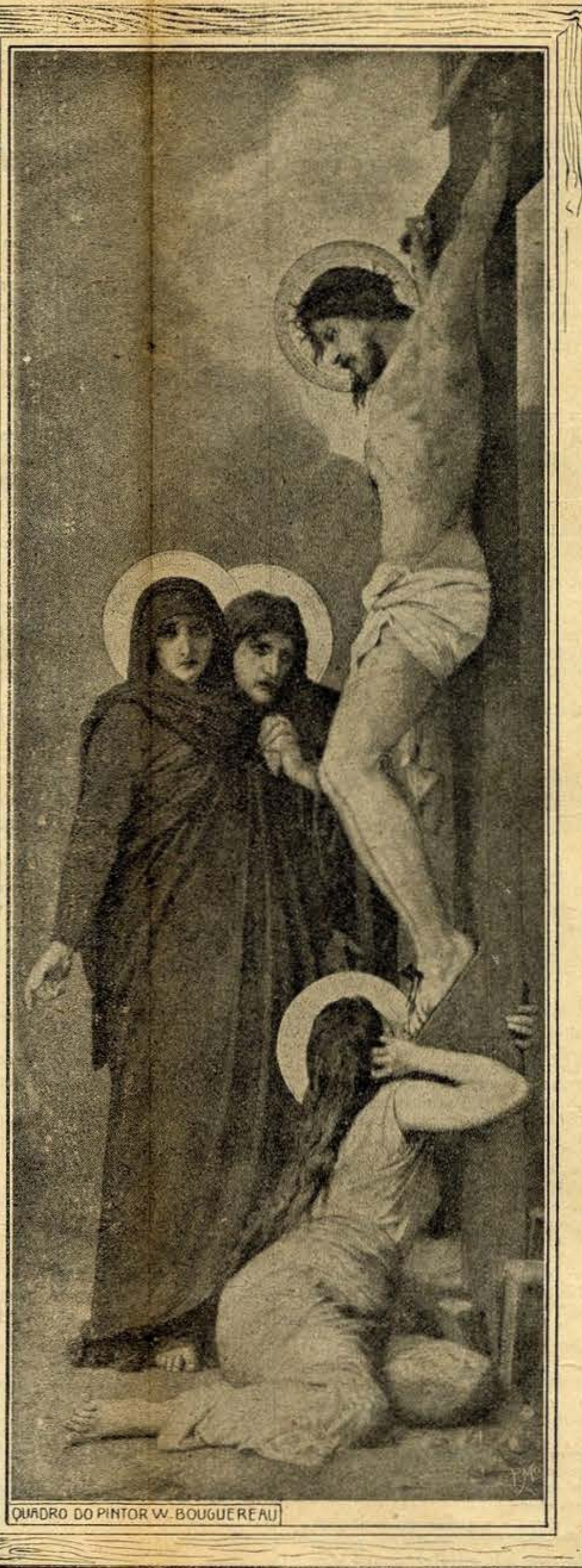
Jesus foi direito ao seu destino. Entrou em Jerusalem e disse palavras inauditas de amor e de paz, o que foi um escandalo; ergueu-se diante do povo e traçou, no espaço do seu discurso, o triangulo da sua doutrina, o que foi uma loucura; invadiu os penetraes do templo e, filho de Deus, requereu para si a posse d'aquelles altares, o que foi um desafio. Depois do que, Jerusalem entendeu que Jesus devia ser preso. Mas isso não bastava. A sua voz, impellindo os ondulações do ar, poderia fazer que, no recinto sagrado, uma aura mais viva voltasse a pagina tumida das exaltações propheticas de Daniel e desvelasse as phrases soberanamente poeticas e sublimemente espirituas da inspiração de Isaias... E aos doutores jubilados na exegese biblica d'aquelles tempos era isto um pouco desagradavel.

Portanto o processo summarissimo, a sentença immediata, a pena maior.

Eram logicos, a seu modo. Como lhes parecia que Jesus não estava em plena equação com a divindade que esperavam, e sabiam que todos os cerebros, ainda os mais abraçados, se atufam e apagam facilmente nas sombras da sepultura, e não suspeitavam sequer da longa duração d'uma ideia, quanto mais da sua immortalidade! procederam assim. E Jesus, o filho de Deus, que era todas as graças da flôr: n'uma das suas pétalas e todos os átomos do sol n'um dos seus raios, deixou-se levar no bravo turbilhão d'aquellas iras até ao sinistro paradeiro dos condemnados, soffreu o que soffreu, disse o que disse, fez o que fez, e cingido, elle que era a suprema justiça, á cruz, que era a ultima infamia, levantou para a immensidade os seus grandes olhos... e morreu!

Antonio Candido.

## JUXTA CRUCEM



QUADRO DO PINTOR W. BOUGUEREAU

## A CRUZ

Todo o christão esclarecido, ao reflectir por um pouco sobre a transformação operada pelo sagrado madeiro, onde se consumou a redempção do mundo, facilmente encontra n'elle um argumento invencível em favor da divindade da religião a que pertence.

O que era a Cruz nos cyclos pagãos, e até na propria letra da lei de Moysés? Era um instrumento infame, um supplicio mais do que nenhum outro, ignominioso, destinado a ser a extrema pena do crime. O mais negro ferrete imposto sobre a fronte do reu, era a condemnação a tal supplicio. A Cruz symbolisava a accumulção das maldições com que a sociedade excluía o sclerado do seu seio, e aos olhos da propria divindade, segundo a linguagem do Pentateuco, era maldito o homem que pendia do lenho. N'uma palavra, já que a sociedade não podia impedir o grande criminoso de cair na valla commum dos mortos, queria primeiro forçal-o a estender-se fóra da terra, sobre um leito de martyrio e de escarne.

Pois bem. Um judeu teve a ousadia de escolher esse instrumento maldito, e de pretender triumphar por meio d'elle de todas as potestades conjuradas contra o verdadeiro progresso da humanidade. E esse judeu triumphou com effeito...

Vencer derribando é proprio do homem, mas vencer morrendo é proprio d'um Deus; vencer pelo desenvolvimento da força e da astucia é natural, mas vencer desarmado e no meio dos fallecimentos d'uma cruz, só é proprio do Homem-Deus, como só d'Elle era proprio converter n'um symbolo de amor, de esperança, e de immortalidade, o estigma da maldição—o madeiro da cruz.

Por ella tudo se rehabilita, tudo se instaura, se transforma, e se vivifica; sem ella tudo é noite profunda, degradação total.

A Cruz é o precioso ornato que domina os templos da christandade, que realça a corôa dos reis, que brilha sobre o seio virginal da donzella, que ostenta sobre a farda o soldado condecorado, que pende do peito nú e tostado do galé. A Cruz illumina o primeiro dia da nossa existencia no sacramento do baptismo, symbolisa o perdão outorgado ao arrependido pelo deputado de Deus, santifica a união nupcial do homem com a mulher, refulge como um raio de esperança e de conforto por entre as vascas do moribundo, e vela triumphante sobre o pó dos cemiterios.

Oh! sim, a Cruz desmente as cinzas da sepultura; a Cruz domina sobre a lousa do cadaver, como a linha de vida, a linha vertical, dominando a linha de morte. Ella é o laço mysterioso que prende o tempo á eternidade, o finito ao infinito; é o arauto da immortalidade que diz á mãe inconsolavel que chora sobre o sepulchro do filho, á esposa que deplora a morte do esposo estremecido: «elle não morreu, espera um pouco, amanhã vos abraçareis».

O mundo sem Cruz foi por muito tempo um cadaver, e a vida das nações robusteceu-se, ou escaceia, conforme o pharol da redempção resplandece mais ou menos sobre ellas. Fazei o paralelo do universo além da cruz, com o universo d'aquem da cruz. Que era outr'ora a mulher, a consorte inseparavel dos nossos destinos, o anjo da especie humana, creada por Deus para *emparadisar* a nossa existencia, e que expulsa connosco Eden, tornou-se o anjo da dôr que entorna sobre as chagas do homem a lagrima do lenitivo; que era a mulher do paganismo senão a demittida por força, do seu nobre sexo, para ser a serva submissa da crueldade do nosso? Que era a criança senão uma planta sem valor que o lacedemonio, como o romano, arancavam ao solo da existencia, se tinha a desventura de não nascer perfeita? Que era o escravo senão a *paria* da sociedade um ser sem personalidade, sem direito a ser cousa alguma mais do que... uma cousa?

Na Cruz se corrigiram estes enormes erros sociaes, se aproximaram estas distancias, se restituíram todos os direitos postergados.

Jesus Christo, expirando pela humanidade inteira, nivelou por esse mesmo facto todas as classes, todas as condições, todas as idades, todos os povos debaixo do nivel da sua caridade universal, e rehabilitou-os ao contacto do seu sangue divinamente precioso. A mulher é admittida, segundo o plano primitivo do Creator, aos segredos mais intimos, e ás alegrias mais puras da nossa vida; a criança é o mais terno e precioso deposito que o céu pôde collocar entre as mãos de dous conjuges; o escravo não passa d'um nome que em breve será riscado do dictionario christão.

Padre Senna-Freitas.

# MÃE!...

Mãe, Mãe de Deus, Mãe de Deus martyr!

Ah! é a suprema ventura a provocar a mais tremenda desgraça; é o maior privilegio do ceu a abrir campo á mais torturada existencia do mundo.

Jesus nasceu no pouso da pobreza e foi acabar na morada do crime.

Vós seguiste-lo sempre com a espada prophética apontada ao peito e com o amor de Mãe sacrificado pelo ceu e vilipendiado pela terra.

Sempre vigilante e sempre heroica, fostes a testemunha ocular do seu martyrio e a companheira vigilante na sua morte.

Ouvistes a sua ultima palavra e recolhestes o seu derradeiro suspiro.

A palavra foi a ultima estrophe do seu hymno de amor; *Ecce filius tuus*; o suspiro foi o ultimo arranco do peccado e o primeiro alvor da Redempção.

Viste-lo arquear o peito nas vascas da agonia; era para aparrar o ultimo golpe da justiça de Deus, era para inutilizar o extremo esforço do delicto humano.

A cabeça pendeu, a vida extinguiu-se e a morte soltou um brado de victoria. Morreu Jesus, tudo acabou!

Não, não Virgem.

Agora estamos nós.

Na via dolorosa da terra, na eminencia do Calvario humano, vós sois tambem a Mãe que nos guia os passos e guarda a vida.

Ah! Bemdicta seja a morte que vos roubou tal Filho e que nos deu tal Mãe.

Bemdicta seja a dôr que pelo martyrio de Jesus nos outorgou a Redempção, e que pela Redempção nos confiou a realza de Maria Virgem!

Bemdicta seja a Cruz que pelo sacrificio de Deus, legou á terra a divina maternidade de Maria!

Cónego Bernardo Chouzal.

## No pé da cruz

Quem fosse á hora do crepusculo, guiado pelas ultimas fulgurações do poente, visitar a collina dos supplicados, que distava pouco da vetusta muralha da cidade dos prophetas, teria occasião de vêr, erguida no alto, desenhando-se sobre as nuvens d'uma côr indecisa, uma cruz, pesada como a severidade das penas infamantes e negra como a noite do crime.

A alvura do corpo do condemnado, que a vindicta publica expozera alli, era cortada pelos signaes d'um longo martyrio: tumidos vergões, longas cisuras e multiplicadas manchas de sangue.

Uns suspiros magoados, soltos de labios tremulos como as violetas e roxos como os lyrios, indicavam que estava junto do madeiro dos tormentos a mãe do justicado.

Jesus era a dedicação suprema que vinha resgatar a humanidade. Maria era a ternura da resignação que vinha balsamisar os corações alanceados. Jesus tinha a cabeça pendente sobre o peito, como se os seus olhos que espelhavam aquelle puro ceu da Palestina ainda nos apontassem o coração, que era um sacrario d'amor. A Mãe, essa estava com o corpo junto á cruz e a alma unida ao crucificado!

Este quadro revelou á humanidade a mais balsamisante resignação; ensinou uma nova theoria com que supportassemos n'este mundo os golpes do sofrimento—junto á cruz e unidos ao crucificado!

O symbolo augusto da nossa crença é um gigante de braços abertos para abranger no amplexo da fraternidade christã a humanidade inteira.

Voltar as costas á cruz e fugir da sombra benéfica das suas consolações é guiar os homens para esse labyrintho de dôres sem conforto, de ancias sem termo, de desalentos insuperaveis que conduzem ao suicidio!...

Voltar as costas á cruz e ausentarmo-nos da periferia que ella marca no mundo moral com o suavissimo perfume dos balsamos da religião é precipitar a onda popular nos extremos da miseria, no fragôr das luctas sociaes que vão até aos excessos da anarchia.

Duplamente desgraçados os que se afastam da cruz e re- pellem as doutrinas do crucificado, que são consolação para todas as afflicções.

A cruz é o amparo dos que veem régando com lagrimas o caminho da existencia! Jesus é a consolação infinita dos que professam a sua doutrina, feita com as irradiações da verdade, os encantos da paz e as dôças do amor! Junto á cruz estava a Mãe, a bondade exposta ao tormento e ás mais duras provocações; mas resignada, heroica e deslumbrantissima, porque estava unida a Jesus!

O heroismo tem laureis, o martyrio palmas; mas a bondade ostenta a delicadissima açucena da virtude. Celebramos com entusiasmo os heroes e os martyres; mas o nosso coração sente-se mais bellamente emocionado ao glorificar a bondade immaculada, que se patenteou tão delicada e inconfundivel no Golgotha, ao realizar-se o resgate do genero humano.

Padre J. F. Patricio.

## No Calvario

Maria, com seus olhos magoados, céus espirituales, lavava em pranto as largas chagas de Jesus, enquanto ria ao pé um dos tres Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados escondiam a dôr no casto manto. Uma mulher de Henon chorava a um canto. Jogavam sobre a tunica os soldados.

Marta, os pingos de sangue, alva açucena, dir-se-ia no bom seio recolhe-los. Alguns riam, brutais, d'aquella pena.

Salomé tinha um mar nos olhos bellos. João fitava a Cruz—Mas Magdalena limpava a Christo os pés com seus cabellos.

Gomes Leal.



## “O THALASSA,”

### CAPAS E COLECCÕES

Tencionamos pôr brevemente á venda as **capas para a collecção de 2.º anno d'“O Thalassa.”**

Como dissemos já, as **capas** d'este anno são tambem **azues e brancas** e, alem de **illustradas a capricho por Jorge Colaço**, que pôz n'este trabalho todo o seu brio artistico e patriótico, as **capas do 2.º anno d'O Thalassa terão impressa uma poesia “A Bandeira” original inedito da notavel e distinctissima poetiza a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Branca de Gonta Colaço.**

“**A Bandeira**” é uma das producções mais mimosas da illustre escriptora, que mais uma vez se dignou honrar *O Thalassa* com a sua eminente collaboração.

Logo que possamos faze-lo, publicaremos a photographia d'este sensacional trabalho, cujo preço não podemos fixar ainda, mas que não deve exceder em muito o do anno passado.

Os colleccionadores que desejem encarregar-nos da encadernação podem enviar-nos desde já para a redacção as suas colleccões devidamente registadas. Este trabalho tem de ser executado com perfeição, afim de as paginas centreas não ficarem inutilizadas.

**Mandámos fazer mais capas do 1.º anno, para atender os numerosos pedidos que nos tem sido feitos n'esse sentido.**

**Os pedidos que vierem acompanhados da respectiva importancia, temo-los devidamente registados, aguardando apenas que as capas do 1.º anno estejam promptas, para os satisfazermos.**

**Respondemos por este meio a todos os senhores colleccionadores que se nos tem dirigido e aos quaes, por numerosos, nos é impossivel responder individualmente.**

# O Calvario, balisa de dois mundos

Quando vemos no nosso seculo a ideia de Deus substituida pelo culto material da humanidade, quando ouvimos os insultos contra Christo e a sua lei, sentimos todo o horror que impera uma doutrina destructiva da vida moral e social dos povos. Para os materialistas sem fé, Christo não passa d'um homem legendario; e a crystallisação dos seculos é a apothose d'uma gloria extincta. Mentis, homens sem coração! Christo manifesta-se em plena civilisação romana. A noticia dos seus prodigios não pertence ás épocas prehistoricas da humanidade, mas sim áquelle brilhante periodo em que a litteratura e as armas romanas firmavam os monumentos da sua gloria nos cantos de Horacio e nos triumphos de Augusto. Foi então que Jesus levantou na Galiléa a sua palavra divina como protesto ás violencias do mundo. E as suas doutrinas alastraram-se como um mar de perfumes por todo o orbe; e ha dezenove seculos que ellas suavizam as dôres da humanidade, como um balsamo celeste rociando constantemente o mundo!...

Todas as civilisações antigas cahiram sem poder salvar-se pela vitalidade das suas forças, que só podiam ser produzidas pela soberania da justiça.

Os esforços mais energicos das escolas philosophicas da antiguidade, foram impotentes para levantar o espirito humano, porque ellas careciam de base divina, apanagio unico das doutrinas do Christianismo. Quando Platão, nas induções de uma metaphysica superior identificou o infinito da unidade divina, quando encontrou a eternidade do espirito nas aspirações da consciencia e nas indicações da justiça, fez, de certo, uma grande conquista na evolução do sentimento religioso da sua época; mas esta ideia apenas tinha um valor hypothetico, que não transpunha o circulo estreito d'uma escola.

As palavras do Divino Mestre tinham um valor mais alto, porque eram justificadas pela força da sua Omnipotencia. Os seus labios, que se abriam para mostrar os segredos d'uma sabedoria eterna, eram os mesmos que subjugavam as forças da Natureza. Os decretos da sua voz salvavam a adúltera d'uma perseguição tyrannica e arrancavam Lazaro aos penetraes do tumulo.

E' justamente a palavra de Christo que opera uma transformação universal; por isso, nas evoluções historicas da humanidade, o Calvario é como uma grande cortina que separa dois mundos: para além, as multidões d'escravos gemendo sob o latego da tyrannia brutal; para cá, a egualdade de todos os homens perante Deus.

Gonogo Almeida Martins.

## A' Virgem Santissima

N'um sonho todo feito de incerteza  
De nocturna e indizível anciedade,  
E' que eu vi teu olhar de piedade  
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,  
Nem o ardor banal da mocidade,  
Era outra luz, era outra suavidade  
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só de ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa...  
E deixa-me sonhar a vida inteira.

Anthero do Qental.

## A loiça de Sacavem

E' a que, mais duração tem. A' venda em todos os bons estabelecimentos e no Deposito geral—rua da Prata, 126 a 152—Lisboa.

# A Feira da Vida

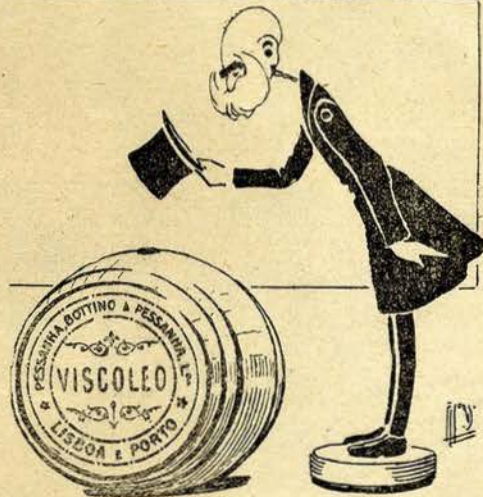
Revista por

V. S. e S. de A.

Musica de Forté Rebello e V. S.

Amanhã e sempre ás 8 1/2 e 10 1/2

THEATRO DA RUA DOS CONDES



—Não ha duvida! Esta casa é a que tem oleos para machinas, mais cordeaes, lampadas Unic, mais fraternaes e Licor Cordeal Vichy, mais bernardnico!...

Prefiram-na sempre, sim?

## Espectaculos

A publicação dos reclaims theatraes no presente numero d'«O Thalassa» exige uma nota explicativa. Só incluímos n'esta secção os theatros em que não ha hoje espectaculo.

Emprezas e espectadores que se prezem guardam com respeito o luctuoso dia d'hoje.

### Colyseu dos Recreios

Depois do authentic successo que toi a ultima companhia de circo, estreia-se já amanhã uma outra cujo valor eguala se não excede a anterior.

Só um emprezario da força do illustre commendador Antonio Santos seria capaz de proporcionar ao publico de Lisboa uma serie tão ininterrupta e tão brilhante de espectaculos em que figuram sempre os melhores artistas da actualidade. Em Paris, em Londres, em Bruxellas ou no cabo do mundo que se encontrem, o arrojado emprezario do Colyseu dos Recreios lá vai sempre descobri-los para no-los apresentar em conjunto que são verdadeiras maravilhas.

### Nacional

Reapparece amanhã n'este theatro a respectiva companhia que regressou ha pouco do Porto coberta de merecidos triumphos. A peça de reabertura é o «Amor á antiga» uma das mais bellas do theatro moderno.

### Gymnasio

A comedia burlesca «4028 Lx.» e a farça em 1 acto «Casa com escriptos» continuam a fazer ruidoso successo. A avaliar pelo entusiasmo do publico que todas as noites allí accorre não deixando um logar vago, é de prevêr que as felizes peças permaneçam por largo tempo no cartaz. Amanhã e domingo, repetem-se.

### Rua dos Condes

A revista «Feira da vida» tem sido o acontecimento theatral da ultima semana e continuará a sê-lo por muito tempo, dado o entusiasmo sempre crescente do publico que enche todas as noites a elegante sala do Rua dos Condes e os applausos que acolhem sempre as representações da engraçada peça de V. S. e S. de A.

«Feira da vida» tem numeros de musica e de verso que por si sós bastavam para garantir um justificado successo. As recitas da moda realizam-se ás terças e sextas feiras, sempre com assistencias valiosissimas por isso que o Rua dos Condes é presentemente o mais frequentado ponto de reunião da sociedade elegante da capital.

## QUADROS PORTUGUEZES

2 de Abril

O THALASSA



8

A PASCHOA NO MINHO